

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	625	120
Paes das ultramarinas, (idem)	4\$000	2\$000	3-	5-
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	8-	8-
Brazil (moeda fr. ca.)	15\$000	7\$500	8-	8-

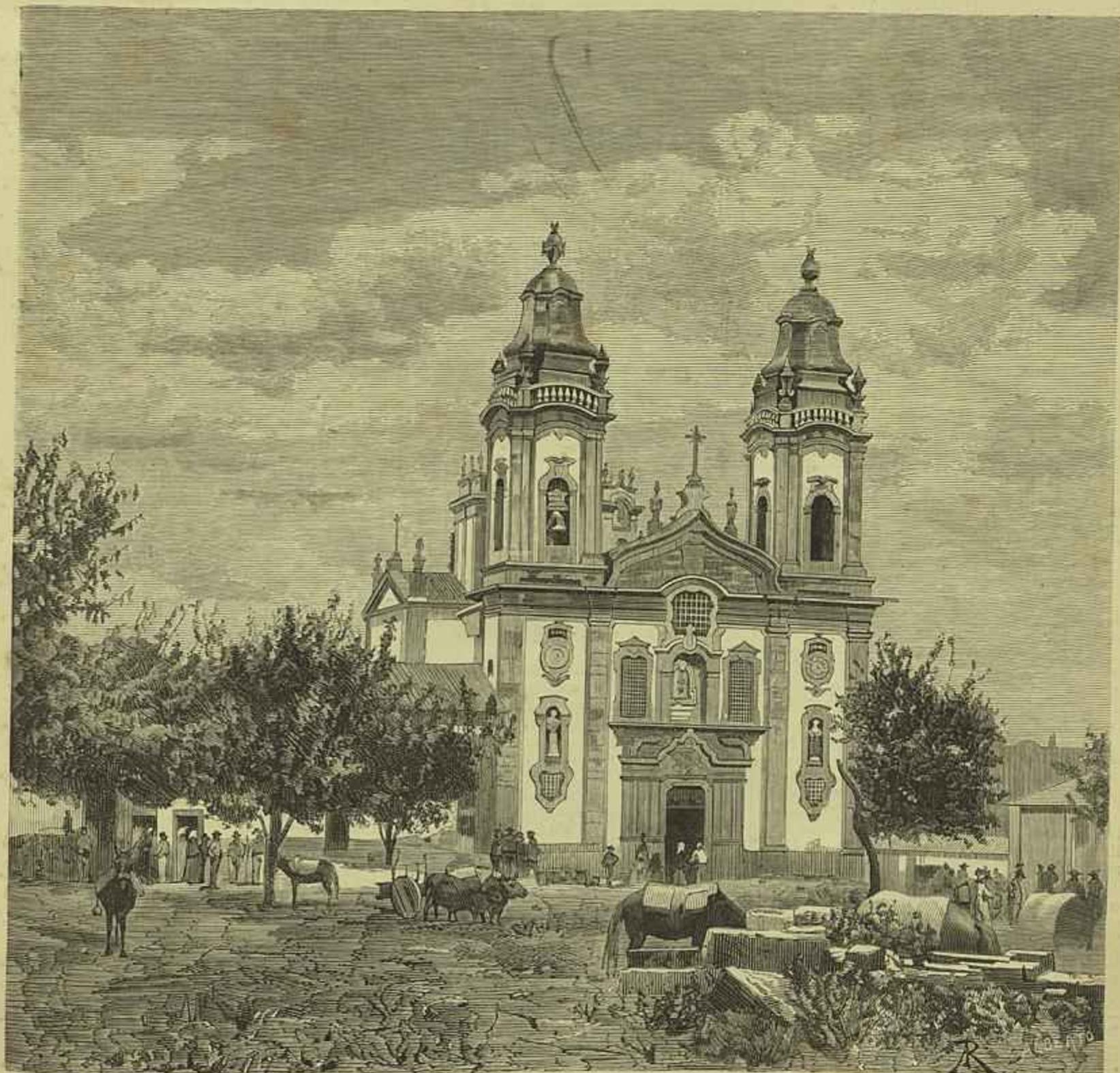
4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 75

21 DE JANEIRO 1881

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LOURETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua do Sete de Setembro, n.º 83.



CABECEIRAS DE BASTO — EGREJA DE S. MIGUEL DE REFOIOS (Segundo uma photographia)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Joaquim Nabuco, PIERRE CHAGAS — Congressos anthropologico e litterario, Trabalhos dos congressos, II. — As doas gravuras — Ilha de S. Miguel, Valle das Furnas, BRITO REBELLO — Viagens dos srs. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens na Africa Equatorial, ALBERTO DE CERVAES — Transvaal e Mossamedes, ALBERTO DE CERVAES — Nos theatros, CARLOS DE MOURA CARVAL — Notas Soltas, Fr. FRANCISCO DE JESUS CHRISTO, JACINTHO PERES — Publicações.

GRAVURAS. — Igreja de S. Miguel de Refoios — Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo — Ilha de S. Miguel, Valle das Furnas — Exposição da Sociedade Promotora de Bellas Artes em Portugal, em 1880, Antes do panno subir, quadro de Manoel de Macedo — Os Boers que vieram tratar com o governo de Mossamedes o estabelecerem uma colonia na região da Huila — Viagem de exploração a Africa Equatorial, Mulheres Mundombes — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Tem incontestavel direito, por todos os titulos ao primeiro logar n'esta chronica, a noticia da proxima exposição de Bellas Artes que o Centro Artistico portuense vai abrir no Palacio de Crystal.

O Centro Artistico portuense, que tem á sua frente as primeiras capacidades criticas e artisticas do Porto, organisando a exposição bazar que se deve inaugurar no dia 27 de março proximo, presta um grande serviço não só aos nossos artistas, mas tambem se prepara para dar uma nova feição séria ao estudo da historia da arte e da industria nacionaes.

O programma da exposição perfeitamente elaborado, syntetisa assim os intentos do centro artistico:

«A exposição representa, pela primeira vez em Portugal a alliança indissolúvel da arte com a industria, pela serie ininterrupta de todas as industrias, bem como o creação de estímulos salutaes para que a arte, em todas as suas grandiosas manifestações se erga do abysmo a que a tem condemnado entre nós uma indiferença pernicioso e a falta constante de elementos educadores do bom gosto.»

A exposição divide-se em oito secções: Architectura, Esculptura, Pintura, Desenho, Gravura, e artes de reprodução, Artes industriaes, Archeologia, Litteratura d'arte.

Só nos resta louvar o Centro Artistico portuense, pela sua energica iniciativa, e aguardar a sua exposição, esperando que os artistas de todo o paiz responderão brilhantemente ao apello dos seus collegas do Porto.

— A vida monotona da nossa capital foi agitada ha dias por um acontecimento theatral, a que uma grande artista, deu todas as honras d'um verdadeiro acontecimento de Lisboa — a representação do *Roberto do Diabo*.

O OCCIDENTE inaugura hoje uma nova secção, — *Theatros*, — onde mensalmente registará com toda a imparcialidade a vida theatral de Lisboa. Entretanto o successo que a sr. Borghi Mamo fez á magnifica opera de Meyerber foi tão ruidoso, occupou tanto a attenção dos lisboetas que a *chronica* não pôde deixar de se referir a elle.

Tem atravessado o nosso palco muitos Alice, Alice de todos os tamanhos, de todos os volumes, desde a sr.^a Sass — uma Alice — Sampaio, até á sr.^a Brambilla, uma Alice — Braamcamp; entretanto nenhuma fixou no palco de S. Carlos o typo característico d'aquella ingenua e infantil creação, em que Meyerber personificou a mulher-anjo, com o talento, com a nitidez, com a poderosa intuição artistica com que a desenhou a sr.^a Borghi Mamo.

Ordinariamente os cantores lyricos são simples instrumentos humanos, com melhor ou peor som, com um machinismo vocal mais ou menos aperfeiçoado, vozes manificas, cristalinas, ageis, extensas, e nada mais. E' raro ver-se

atravez d'uma nota, a comprehensão, a individualidade, a alma.

A sr.^a Borghi-Mamo desmente completamente esta tradição de primadona, e não nos dá simplesmente romanzas bem cantadas, arias solfejadas com grande correção, cavatinas garganteadas com todo o primor, dá-nos muito mais que isso, dá-nos figuras humanas, vivendo uma existencia real no meio d'aquelle diluvio de notas, dá-nos creações perfeitamente artisticas, realisa esses typos ideaes que as phantasias dos poetas criam, e a ignorancia dos cantores assassina, é Lucrecia, é Valenti, é Leonor, é Alice, é todas essas deliciosas figuras que inspiram aos maestros as suas mais formosas composições, mas que não arrancam á maioria das cantoras senão as correctas execuções d'um realjo bem combinado.

Foi por isso, foi porque o *Roberto* não foi só cantado d'esta vez, foi representado por Borghi-Mamo, e representado superiormente, d'uma maneira que daria nome a qualquer grande actriz celebre, que a velha opera de Meyerber apesar do seu velho scenario e da sua desgraçada *mise-en-scene* teve todas as honras d'um acontecimento e impressionou vivamente a nossa boa cidade.

— Ha pouco tempo Dumas filho publicou em Paris, uma brochura notabilissima, d'aquellas pequenas brochuras que elle faz e que agitam todo o mundo, ácerca das mulheres que matam e das mulheres que votam. O editor Arthur da Silva, fez traduzir esse folheto, e em tão boa hora, que elle penetrou logo nos cerebros dos accionistas do Banco de Portugal.

E os accionistas sentiram-se abalados com as phrases de Dumas filho, e reuniram-se e disseram uns aos outros:

— Olha lá, as mulheres devem votar! Se ellas votassem?

— Está dito, que votem.

E a direcção do banco decidiu immediatamente que as mulheres deviam ter voto, e hontem o Banco de Portugal abriu as suas urnas de folha de Flandres ao sacrosanto direito e á lista, das suas vinte accionistas do bello sexo.

E assim pois começa a triumphar em Lisboa, o eterno feminino. Começa pelo Banco de Portugal — é de crer que dentro em pouco chegue ás cadeiras de S. Bento. É a lei progressiva das coisas humanas. De banco a cadeira não vacia tão grande differença como isso, e temos a esperanza de dentro em breve velas sentadas no parlamento, o que será muito menos monotonico para os olhos, e muito mais alegre talvez para a algibeira. Não ha ninguem para governar uma casa como as mulheres, e uma nação não é senão uma casa em pouto grande. Trata-se de pôr fóra os aguadeiros que mettem a unha nas compras e de repartir com mais economia o cozido, que se chama orçamento.

— Apareceu á ultima hora um livro notabilissimo de que daremos depois conta na nossa secção especial, mas que é tão importante pela sua seriedade e pelo tom altamente litterario e scientifico em que está escripto, que não queremos deixar de o registar hoje aqui. E' o notabilissimo estudo feito pelo sr. Antonio de Serpa Pimentel sobre *Alexandre Herculano e o seu tempo*.

E já que fallamos em novidades litterarias fecharemos a *chronica* com um verdadeiro primor, uma deliciosa poesia inedita do sr. conde de Sabugosa, que nos chegou agora ás mãos, e que é positivamente uma perla litteraria. Chama-se:

A PADEIRINHA

Os olhos sensuaes da padeirinha
E a pelle cor de rosa avelludada,
Com uma leve pennagem que a farinha
Cobria de finissima camada,

O lenço branco em pregas attrahente,
Cruzando sobre o peito tentador,
Tinham feito fallar timidamente
O virgem coração do professor,

Que ao passar de manhã quando ia á escola
E que a via risonha no balcão
Com uma alegria viva d'hespanhola
De manga arregaçada a vender pão,

Tinha appetites doidos de mandar
A todos os diabos o latim
Invadir o balcão, ir amassar,
E ser padeiro ou padeira assim.

Os repiques de sinos annunciam
Que a padeira casou com o namorado
Ao professor os olhos se annuviavam
E lá se vai á escola acatarralhado.

A' noite no seu quarto quando o esnaga
A solidão, e que o ciúme o gela,
Consola-se afagando a idea vaga
De ensinar o latim a um filho d'ella.

GERVASIO LOBATO.

JOAQUIM NABUCO

Na sessão de 8 de janeiro da camara dos deputados da nação portugueza apparecia de subito na tribuna diplomatica um moço elegante e distincto, desprezencioso e modesto, que ia contemplar despreoccupadamente os debates da assembleia. Era Joaquim Nabuco. Antonio Candido então ergueu-se, e com a sua palavra melodiosa, que tem as vibrações de uma lyra e que é pena que se estrague na questão dos coronéis e na da fornada, emprego que nos faz lembrar a sr.^a Borghi-Mamo a cantar o hymno da Carta, propoz á camara que franqueasse as portas do seu recinto ao joven deputado brasileiro, que advoga na sua patria, com vivo e entusiastico ardor, a causa sympathica da emancipação completa dos escravos.

«Não ha causa mais justa, disse Antonio Candido, não ha pensamento mais elevado, não ha missão mais nobre e mais benemerita, do que a causa, o pensamento, a missão, que exalçam a vida do illustre parlamentar que nos honra com a sua visita. Restituir a milhares de consciencias a soberania do seu pensamento; restituir a milhares de corações a dignidade dos seus affectos; garantir a milhões de braços a prosperidade do seu trabalho; libertar uma raça inteira que tem direito a viver, a progredir, a experimentar a lucta da existencia, como a experimentam homens, e não como a experimentam as especies inferiores; acabar, de uma vez para sempre, com o degradante espectáculo do interesse sobre a justiça, da força sobre o direito, de uma educação perversissima atrophiando cerebros para que não pensem, de uma oppressão brutal esmagando consciencias para que não protestem do azorrague infame retalhando as carnes de desgraçados cuja vida é uma maldição sem termo e um martyrio sem piedade; fazer isto é fazer uma grande obra, é realizar um altissimo destino, é subir pelo caminho da virtude ás eminencias da gloria, é ter reunidos os melhores titulos á mais profunda admiração e ao mais justo respeito humano.

«*Pro Christo sicut Christus*, escreveu-se na sepultura de John Brown, martyr pela emancipação dos negros na America do Norte; os que na America do Sul continuaram o seu pensamento, podem orgulhar-se de pertencer á familia d'aquelle veneravel cidadão que sacrificou a liberdade de uma raça o sangue de dois filhos e o seu proprio.

«A nós, povos de outra cultura, povos de outra civilização, faz-nos bem levantar de quando em quando os olhos das pequenas questões que tantas vezes nos embaraçam e dividem sem razão, e em que consumimos uma prodigiosa força de talento e de coragem, que podia e devia ter mais legitimo emprego; faz-nos bem levantar os olhos de tudo isso e fixal-os na heroica revolução que pretende na presente hora realizar este pensamento, o mais simples da philosophia mas o mais difficil e custoso da historia: a transformação de homens em cidadãos.»

Agradeçam-me os leitores do OCCIDENTE o ter arrancado do *Diario das Camaras*, onde ninguem o leria, este formoso trecho de prosa, e realmente o que eu devia fazer era transcrever agora a formosissima carta que Joaquim Nabuco escreveu ao presidente da camara dos deputados, e teria engrinalhado o retrato do illustre parlamentar brasileiro com a mais florida e radiosa moldura que podia desejar essa sympathica physiognomia.

Não quero porém deixar de prestar a minha homenagem pessoal a este talentoso moço e a este orador já hoje illustre e grande.

Não lhe escrevo a biographia, porque teria apenas de narrar o prologo de uma existencia que está falada para ser illuminada por todas as glorias, e para subir a todas as eminencias.¹

Como escriptor lançou á publicidade ha oito annos um formoso livro *Camões e os Lusíadas*, como orador, conquistou logo no parlamento um logar tão eminente, que o partido democratico do Brazil o considera como o seu leader na questão especial da escravatura, e que o Gabinete Portuguez o encarregou de ser o seu orador nas festas do Centenario.

A physiognomia do emancipador foi esboçada já em rapidos e brilhantissimos traços por Antonio Candido; resta-me só dizer duas palavras a respeito do escriptor nas suas relações com Portugal.

Porque ha dois motivos principaes que explicam a recepção cordialissima que se fez a Joaquim Nabuco em Lisboa, além do seu esplendido talento, que sempre lhe grangearia o affecto e o respeito de todos.

Em primeiro logar, Joaquim Nabuco é o campeão de

¹ Joaquim Nabuco nasceu em Rio de Janeiro em 1836. É filho do grande estadista brasileiro o celebre sr. Nello Nabuco que o educou na escola liberal de q. e era um dos principaes chefes. Antes de ser deputado Joaquim Nabuco, ha-lhe-lhe em direito, foi secretario da embaixada nos Estados Unidos.

uma causa sagrada e sympathica nos que amam a liberdade nas suas mais amplas manifestações.

Em segundo lugar Joaquim Nabuco está bem longe de pertencer a uma pleiade de escriptores brazilienses, que parecem esquecer-se de que o sangue que lhes corre nas veias é sangue portuguez, e de que, se a independencia do Brazil é por todas considerada como um facto, que, longe de nos inspirar qualquer resentimento, não pôde senão despertar a nossa sympathia, é justo tambem que lá se não esqueçam de que devem zelar como suas próprias, porque o são, as nossas tradições, as nossas glorias, a herança commum que recebemos d'aquelles que fundaram esse portentoso imperio, a que estão reservados tão prosperos destinos.

Joaquim Nabuco disse — e ainda ha pouco relembrava essa phrase n'uma das duas cartas que escreveu e publicou em Lisboa — que os *Indiões* e o Brazil eram as duas maiores obras de Portugal. Aceitamos a phrase não como um mero cumprimento com que se retribua a nossa hospitalidade, mas como a affirmação eloquentissima de uma grande verdade historica, até entre nós já um pouco desconhecida. Sim, o Brazil foi obra nossa, e quando o vemos descurvar na immensa extensão da America do Sul a sua linha pittoresca de formosissimas cidades, agitar n'esse revoltoso continente a bandeira da paz e da civilização, fazer oudear nas cathedraes murallhas das suas florestas, como o incenso de um thuribulo, o fumo da locomotiva, dar a esse corpo de gigante as ramificações nervosas dos fios telegraphicos, trabalhar, lidar incessantemente, fazer ascender o negro á dignidade do homem, e o homem á dignidade do cidadão, enriquecer a nossa lingua com poemas novos e novas obras primas, tomar enfim o primeiro lugar na America do Sul e um dos primeiros lugares na assembléa do mundo civilizado, saltamos do fundo do nosso velho solar de fragedos á beira-mar um bravo entusiasta, e sentimos novas forças para irmoos fazer, nas duas costas africanas, o que fizemos na America meridional! E quando, n'um porvir mais ou menos remoto, Angola fór tambem um paiz independente e glorioso, quando S. Sebastião de Moçambique fór, como S. Sebastião do Rio de Janeiro, um foco de luz e um centro de civilização, quando ao hymno do progresso luso-americano responderem do lado de cá da Atlantico, debaixo do Equador e nas zonas ardentes dos tropicos, ecos sympathicos em portuguez tambem, poderemos adormecer no somno eterno das nações, embalados pelo canto monotonico do Oceano, porque teremos cumprido largamente a nossa missão historica, porque teremos dado, velho e apodrecido tronco, n'ovos e luxuriantes rebentos, porque teremos inscripto, na heraldica das nações futuras, entre os mais gloriosos, o nome da familia portugueza!

Bemvindo seja pois ao solo dos seus maiores o grande orador, o eminente escriptor braziliense, que pisa com respeito e commoção a terra d'onde saíram os seus ascendentes, que procura no chão das nossas sepulturas as cinzas do seu paiz, e que nos estende a nós a mão fraternal, que apertamos tambem com sincera estima e com intima ufania.

P. NUNHO GILGAS.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

Ainda não eram decorridos muitos annos depois da determinação da existencia do homem no periodo quaternario, quando varios sabios e anthropologos começaram a descobrir documentos que, segundo elles, levavam as provas d'aquella existencia á epocha ou periodo terciario.

Foi em Paris e na sessão da Academia das Sciencias de 17 de janeiro de 1867 que se leu uma nota do padre Bourgeois, na qual este naturalista certificava haver encontrado sílex lascados, e portanto vestígios da existencia de um ser intelligente nas camadas terciarias de Saint Prest.

Concordando os sabios na opinião de que os sílex descobertos pelo padre Bourgeois seriam intencionalmente lascados, não se conformaram porém quanto á classificação do terreno d'onde foram extrahidos, que uns julgaram pertencer ás camadas superiores do terreno terciario, *pliocene*, e outros ás camadas inferiores do periodo quaternario.

Alguns mezes depois, na segunda sessão do congresso de anthropologia e de archeologia prehistorica, celebrada em Paris, annunciou o mesmo padre Bourgeois haver descoberto sílex lascados na base do calcareo de Beaucourt, que é indubitavelmente do periodo terciario, epocha *miocene*, isto é, epocha media d'aquelle periodo.

Essas communicacões eram importantissimas, e desde logo a attenção dos geologos, anthropologos e archeologos se voltaram para este assumpto e a elle tem dedicado todas as suas observações e estudos.

Já antes d'isto, em 1861, Desnoyers em uma memoria intitulada *L'homme fossile aux environs de Chartres*, publicada em appendice a obra de Lyell—*L'ancien état de l'homme*, — apresentava as primeiras e mais importantes indicações, para fazer remontar os vestígios da existencia do homem ou anthropoide, ao periodo terciario, epocha *pliocene*.

Lyell examinando todas as indicações patenteadas pelo illustre geologo francez, e admitindo os seus fundamentos com uma prudente reserva, apresentava algumas pequenas objecções que era necessario remover, para que a asserção de Desnoyers pudesse ter completo assentimento.

Essas objecções parece terem sido desfeitas pelos descobrimentos já referidos, do padre Bourgeois, que não só tendem a confirmar a existencia do homem, ou de

um ser intelligente na epocha indicada por Desnoyers, *pliocene*, mas ainda recua-a á epocha *miocene*, como dissemos.

Ainda assim a communicação do padre Bourgeois tinha sido precedida de outra de que só posteriormente se teve conhecimento. Com effeito no mez de abril de 1868, foi aberta em sessão da Academia das Sciencias de Paris, a pedido do sr. Garrigou, uma carta, ali depositada desde 16 de maio de 1861, em nome do sr. Filho, filho, e do mesmo sr. Garrigou, na qual estes dois sabios declaravam possuir, ja n'esta ultima data, provas sufficientes para suppor demonstrada a coexistencia do homem e dos mamíferos da epocha *miocene*.

Já porém anteriormente em Portugal entre 1860 e 1863 se haviam encontrado sílex com bastantes caracteres de um corte intencional, que provariam a evidencia a existencia de um ser intelligente, durante a epocha *miocene*, se essa mesma circumstancia não tivesse feito suppor o terreno de uma epocha geologicamente posterior.

De feito o sr. Carlos Ribeiro, hoje chefe da secção dos trabalhos geologicos de Portugal, sendo um dos encarregados desde 1857 de colligir os dados precisos para a formação da carta geologica de Portugal, tratara, de 1860 a 1863, de proceder a investigações afim de colleccionar objectos da industria humana nos periodos prehistoricos.

Em consequencia d'isso descobriu diversas pedras de sílex com vestigio de trabalho intencional nas camadas *miocenes* de agua doce do Valle do Tejo, entre 35 e 40 kilometros a NNE de Lisboa. Examinando o facto em varios outros pontos encontrou sílex e quartzites similhantemente lascados em diversas localidades.

Aposar da ausencia de fósseis determinaveis e caracteristicos até então n'essas camadas, os caracteres stratigraphicos d'ellas e outras circumstancias teciam feito classificar estes terrenos como pertencentes ao periodo terciario, se a preoccupação de que a existencia do homem, ainda então apenas discutida e disputada no periodo quaternario, não podia ir além d'este, não tivesse influido no espirito do nosso geologo, fazendo-lhes dar a designação de quaternarios.

Com esse erro imprimiu o sr. Carlos Ribeiro nos annos de 1866 a 1868 algumas folhas da carta geologica de Portugal em chronolithographia, e enviou uma noticia á sociedade geologica de Franca que ali foi lida pelo sr. de Verneuil em 17 de junho de 1867.

No *Relatorio de cerca de sessenta sessões do congresso de anthropologia e archeologia prehistorica*, confessa o sr. Carlos Ribeiro que esta nota recebera alguns reparos da parte d'aquelle illustre sabio, que em carta lhe manifestou as duvidas e objecções contra a classificação dada pelo nosso geologo a aquelles terrenos.

O sr. Carlos Ribeiro parece que ainda sustentou por algum tempo a sua opinião, insistencia devida ainda á impressão que a descoberta dos sílex produziu em seu espirito, e á falta de conhecimento preciso das questões que a tal respeito começavam a levantar-se entre os anthropologos.

Quando porém teve conhecimento das communicacões e descobrimentos do padre Bourgeois, e reflectiu que não eram os vestígios da existencia do homem que deviam determinar a classificação dos terrenos, mas antes a natureza d'estes que nos devia ir fazendo reconhecer a existencia d'aquelle, quando nos patenteasse vestígios d'ella, modificou a sua opinião, reconheceu o seu engano, que confessou perante o congresso de Bruxellas, e felicitando o padre Bourgeois pelo seu descobrimento, e agradecendo então ao sr. Duvernois as suas observações, deixou bem demonstrado que este importante descobrimento se fizera primeiro em Portugal e se devia a elle.

Nessa sessão o padre Bourgeois, apesar do tal descobrimento e noticia ser uma confirmação do seu asserto, declarou porém ao congresso, que tendo examinado os sílex de Portugal, apresentados pelo sr. Carlos Ribeiro, não encontrava authenticidade do trabalho humano em nenhum d'elles.

Se a impressão que as communicacões do nosso geologo haviam feito no congresso, foi em parte atenuada por aquella declaração, que não ponde ser logo relatada, teve elle breve, a satisfação de ouvir ler um relatório em que o sr. Franks declarava: «que tinha reconhecido muitos dos sílex e quartzites lascados portuguezes como trabalhos pelo homem.» — Franks examinara a colleção conjuntamente com os srs. Capellini, Malaise, Cornet, X. de Roul, Briart, Bebour, Barde von Ducker, Worsae, Hildebrandt e outros sabios, em numero não inferior a 50, e deu aquella opinião espontaneamente, no passo que na colleção do padre Bourgeois apenas havia encontrado um objecto com vestigio de trabalho humano.

(Continúa.)

B.

AS NOSSAS GRAVURAS

S. MIGUEL DE REFOIOS

No concelho de Cabeceras de Basto, a 40 kilometros ao N. E. de Braga e 25 a 30 a leste do Guimarães, fica situado o antigo mosteiro de beneditinos d'aquella invocação, e que a nossa estampa representa.

Está assente o mosteiro em sitio baixo e de pouca vida, mas saudavel, tranquillo, cercado de pomposa vegetação. Seus contornos são abundantes de caça de monte, pescado do rio, muitas e boas fructas, avultando entre os arvoredos os castanheiros seculares.

Tres incendios, que destruíram a maior parte do seu cartorio, deixaram em incerteza a noticia dos seus primeiros dias. Uns attribuem a sua produção a D. Gomes Mendes Barroso e D. Camoas, irmã de Gonçalo

Mendes de Sousa, em tempos de D. Afonso Henriques, outros a S. Fructuoso, outros a Hernigio Fafea, rico-homem em tempo de Receswinto, outros a Gomes Soeiro.

Se é certo, como diz Fr. Leão de S. Thomaz, que all se encontraram duas campas, uma da era de 788 (Anno de Christo de 670) e outra do prior Palagio ou Palo Soeiro da era de 739 (A. de Ch. 701), a sua fundação deve ser anterior, e então resistiria o mosteiro á invasão musulmana, cujos effeitos desastrosos evitaria, mediante tributo que ficaria pagando, como succedeu a outros.

João Peiro Ribeiro menciona uma carta de Gouto dada por Afonso I da era de 1163 (A. de Ch. 1125), no que ha engano, porque só tres annos depois começou aquelle principo a governar. A' parte o erro da data, leva-nos esta carta a crer, por mais plausível, que seria por aquella tempo a fundação do mosteiro ou quando menos o seu alargamento.

Até 1128 foi governada esta casa por abbades perpetuos, sendo o primeiro de que ha noticia D. Bento Mendes, contemporaneo d'aquelle principo, e o ultimo D. Afonso Annes, que morreu n'aquelle anno. Seguiram-se depois os Abbades commendatarios, dos quaes foi o primeiro D. Gonçalo Borges e ultimo D. Duarte filho bastardo de D. João III.

Por morte d'este, nomeou o monarcha administrador do mosteiro a Fr. Diogo de Murça, frade Jeronymo, o reitor da Universidade, que havia sido receptor e director do real bastardo.

D. Diogo obtave do papa a suppressão do mosteiro e applicação das suas rendas aos collegios de S. Bento e S. Jeronymo, que pretendia fundar na Universidade de Coimbra.

Como os frades resistiram á intimação que lhes foi feita para este fim e continuaram a celebrar os officios divinos, o mesmo Frei Diogo impetrou novos breves, pelos quaes se applicaram certas rendas aquelles institutos, ficando outras para doze frades que permaneceriam no convento, que o mesmo Frei Diogo veio governar depois de mudar de habito, por auctoridade apostolica.

Frei Diogo falleceu e succedeu-lhe seu sobrinho D. João Pinto. Em 1570 passaram os abbades a ser triennaes, dos quaes foi o primeiro Fr. Thomaz do Touro cujas funções cessaram em 1573 e falleceu pouco depois no mar, indo para o Brazil exercer o lugar de provincial.

Tinha o convento muitas quintas, e propriedades, avultando os bens que lhe provieram da doação de Vasco Gonçalves Barroso, primeiro marido de D. Leonor de Alvim, esposa do famoso condestavel D. Nuno Alvares Pereira, progenitor da casa de Bragança.

O que existe hoje do convento é relativamente moderno como a simples vista demonstra. Ainda existem os claustros construidos por Frei Diogo de Murça, mas a fabrica geral foi acabada em 1690. A igreja é vasta, adornada de duas torres e de um zimbório, de que na gravura apenas se vê o nascimento, de 33 metros de altura, tendo na base da cupulla, cercada de uma varanda, as estatuas dos doze apóstolos, e no alto d'elle outra de S. Miguel, de 2,64 de alto, tambem cercada de varanda.

O interior do edificio é todo sumptuoso, segundo o gosto da epocha. Exteriormente confuz a elle uma bella alameda, a que dão communicação tres ruas, e que é atravessada em todo o comprimento pelo pequeno rio Basto.

Ao lado da ponte existe, grosseiramente esculpido um soldado tendo no ventre a seguinte inscrição — *Ponte de S. Miguel de Refoios, Anno 1690.* —

Das antigas terras do mosteiro e de outras d'aquelle concelho provêm, além de outras produções, o excellento vinho conhecido no paiz com o nome de — *Basto* — e que rivaliza com o de Amarante.

Para mais noticias veja-se Fr. Leão de S. Thomaz, *Benedictina Lusitana*, J. Pedro Ribeiro, *Observações de diplomaten*, e o sr. Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, vol. VIII.

EXPOSIÇÃO PROMOTORA DE BELLAS-ARTES

ANTES DO PANNO SUBIR

Quadro de Manuel de Macedo

O quadro de Manuel de Macedo que hoje damos em gravura, é o segundo da serie dos seus interessantes estudos da vida de bastidores, essa vida tão original, tão excentrica, tão á parte, e geralmente tão desconhecida e tão desaproveitada.

O primeiro quadro d'esta serie, publicou o OCCIDENTE no seu n.º 66, chamava-se a *Tabella das multas*, este é *Antes do panno subir*.

Uma composição muito simples mas muito caracteristica. Aquelle enorme panno pelo buraco do qual o anjo d'amplo *corsage*, *chignon* e *châin* deita olhares indagadores é a divisoria d'esses dois mundos totalmente diferentes, que todas as noites se encontram, se miram cheios de curiosidade, que ás vezes se degladram em batalhas renhidas, outras se abraçam em enthusiasmos ardentes, o mundo real e o mundo ficticio.

Esse anjo cheio de pulseiras e de laços vistosos, com as suas vestes angelicas cortadas pelos moldes da *Vie Parisienne*, espreita ansioso o publico e procura vêr, quem sae? um namorado que lhe mandou aquelle ramo, que all está no chão, cabido ao pé do *enveloppe* aberto que trouxe uma declaração ardente ou calcula pelo numero de espectadores «que tal está a casa» com uns receios prudentes pelos seus onerarios, receios justificados por aquelles remendos que empinam o buraco que lhe serve d'oculo?

O quadro tem as qualidades serias, de observação, de verdade, que caracterizam todas as obras de Manuel de Macedo, figurou na exposição da Sociedade Promotora de Bellas Artes e pertence hoje ao sr. Henrique de Macedo.

ILHA DE S. MIGUEL

VALLE DAS FURNAS

Um dos sitios mais bellos, mais apraziveis que as perturbações da natureza poderiam produzir, é sem duvida o Valle das Furnas na ilha de S. Miguel.

Saindo de Ponta Delgada fazia-se outr'ora o trajecto pelo lugar do Rasto de Cão, Alagoa, Agua do Pau e Villa Franca do Campo, renovação da antiga villa que em 1522 foi em parte subvertida.

Passada a Ponta da Garga, transpõem-se as Gaiteras, altas e soberbos cabeços donde se desce por entre verduras e arvoredos pomposos ao delicioso valle.

Este caminho fazia-se antigamente a cavallo, ordinariamente em jumentos. Hoje uma bella estrada que a meio caminho atravessa a rica e laboriosa Villa da Ribeira Grande conduz o visitante de trem em cinco horas e meia da cidade áquelle delicioso valle.

Encontra-se primeiro a tranquilla e placida Lagoa das Furnas, de perto de uma legua de circuito, rica de excellente pescado, onde, na estação thermal, vão distrahir-se e desenfadar-se as familias que estancam pelo valle, e que em barcos leves e ligeiros gozam, divagando pelas suas aguas, as frescas horas da tarde, ou o bafejo das auras matutinas, enlevadas na poesia e encantos de tão grato remanso.

Pouco depois a dois kilometros depara-se o que é verdadeiramente o Valle das Furnas.

São estas, varias nascentes de aguas mineraes frias ou quentes, que ou borbulham e rebentam do solo, ou n'elle permanecem, e das quaes se colhe o precioso liquido para os diversos usos therapeuticos.

A singularidade d'estas nascentes, que são em grande numero, é serem algumas de agua sulfurica tão quente, que deperando-se uma ave, por maior



JOAQUIM ADRELINO NABUCO D'ARAÚJO

(Segundo uma photographia de Rochlin)

que seja, sobre o seu bordo, parece a ave cozida ao sealar a operação; outras, e junto áquellas, dão agua frigidissima; umas são assaz pequenas e apenas apresentam um delgado fillo de agua, outras tem grandexa mais consideravel.

Desde seculos é notavel a furia a que o povo chama *Caldreira de Poco Hoteho*. — Sente-se sempre no seu interior um ruido tremendo, que ora abafa, ora augmenta, assimilhando em seu movimento e estrondoso rugir de um mar batendo-se contra os rochedos, ou o quebrar de uma catalupa precipitando-se sobre as fragas do pégo.

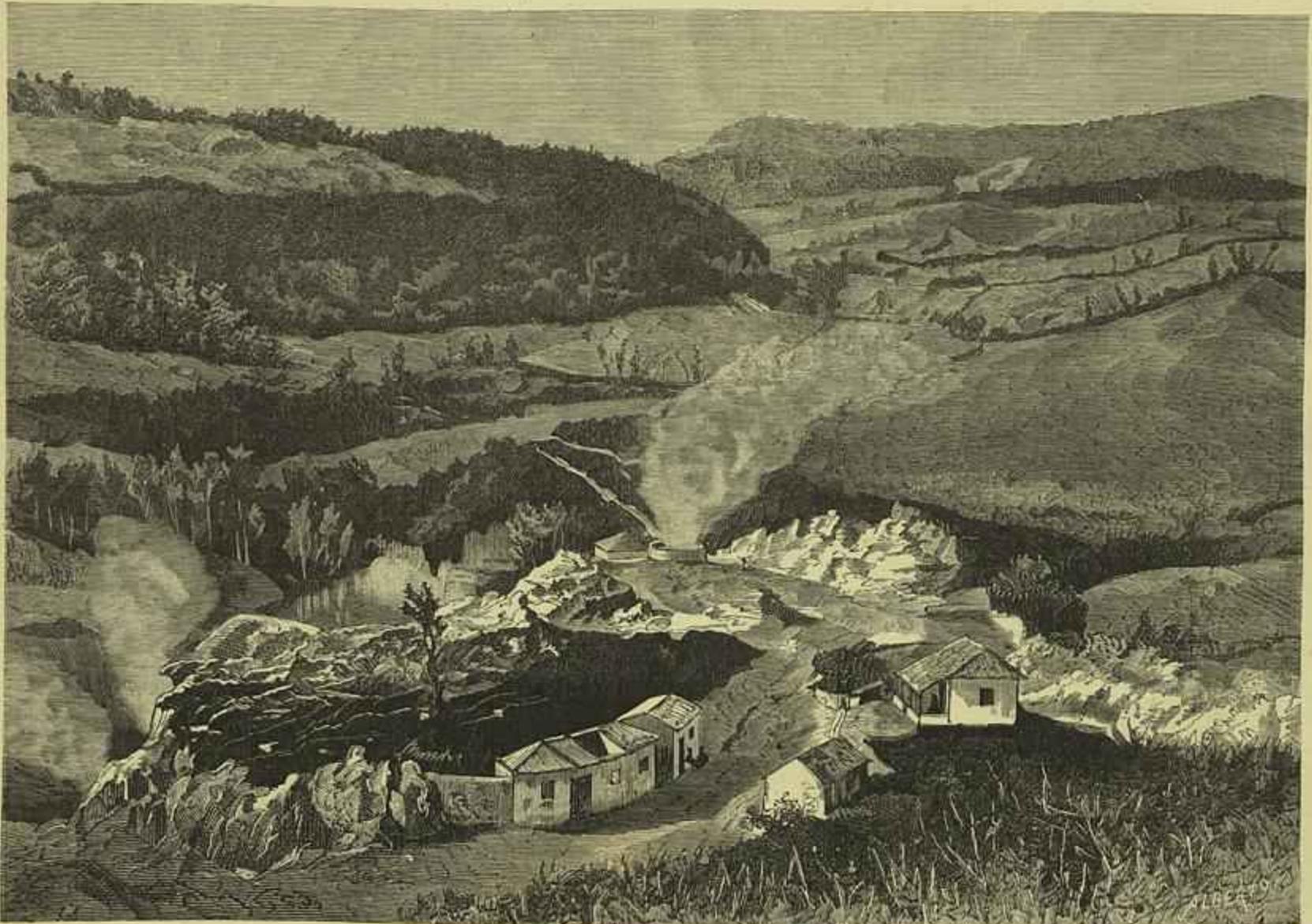
Não se lhe pôde divisar a superficie da agua, porque do seu solo arrebega em torno uma argilla azulada, fina e viscosa. Se se lança dentro qualquer corpo estranho, dentro em pouco é arrojado ao longe com estupendo fragor por aquella bocca fumegante.

Proximo d'esta ha a maior de todas, a *Caldreira Grande*, com cerca de seis a oito metros de diametro, e cuja profundidade não foi ainda exactamente reconhecida, persuadindo-se alguns naturaes que ella não tem fundo. Também está sempre em ebulição e deposita um sedimento argiloso um pouco azulado.

Do solo, ou das fendas da rocha não só se derivam aguas ferventes, que com certeza queimam quem des- cuidadosamente se lies aproxima, mas desenvolvem vapores. Applicando o ouvido a qualquer ponta ouve-se sempre no interior o ruido da agua que ferve.

O solo está por toda a parte coberto de enxofre puro e uma moeda de prata exposta ali ao ar torna-se immediatamente côr de ouro. Em varias partes a temperatura elevada do terreno sente-se atravez do calçado, incomodando quem por elle passa, e até offende o caso dos animaes que parece pullarem quando por ali caminham.

As aguas de todas as variedades sulfuricas, ferreas, gazosas que rompem ou se geram nas diversas furnas, apre-



ILHA DE S. MIGUEL — VALLE DAS FURNAS (Segundo uma photographia de Raposo)

sentam alguns caracteres communs como: abundancia de silica em dissolução, frequencia de saes de soda, raramente os do cal e magnesia, e presenca do acido carbonico livre.

As cathogorias principais d'ellas são: primeiro as aguas gazosas alcalinas, ricas de bicarbonato de soda, chloreto de soda, encerrando quantidades variaveis de sulfato de soda. São ligeiramente sulfuradas, muito quentes e geralmente atravessadas por emanacoes de acido carbonico e de hydrogenio sulfurado.

A segunda pertencem as aciduladas pelo acido carbonico que contém em excesso, depondo um sedimento ferrugi-

noso. Encerram o bicarbonato de soda, chloreto de sodio, silica e pequenas quantidades de bicarbonatos de cal e de ferro.

As da terceira cathogoria são acidas pelos acido sulfurico livre e acido chlorhydrico; possuem uma alta temperatura, sendo provavelmente alcalinas como as primeiras, ao surgirem á superficie do solo, soffrem varias transformacoes pelo contacto com o ar atmosferico.

A quarta cathogoria comprehende as aguas alcalinas e sulfuradas, pouco gazosas, sempre misturadas com agua do mar em porções variaveis.

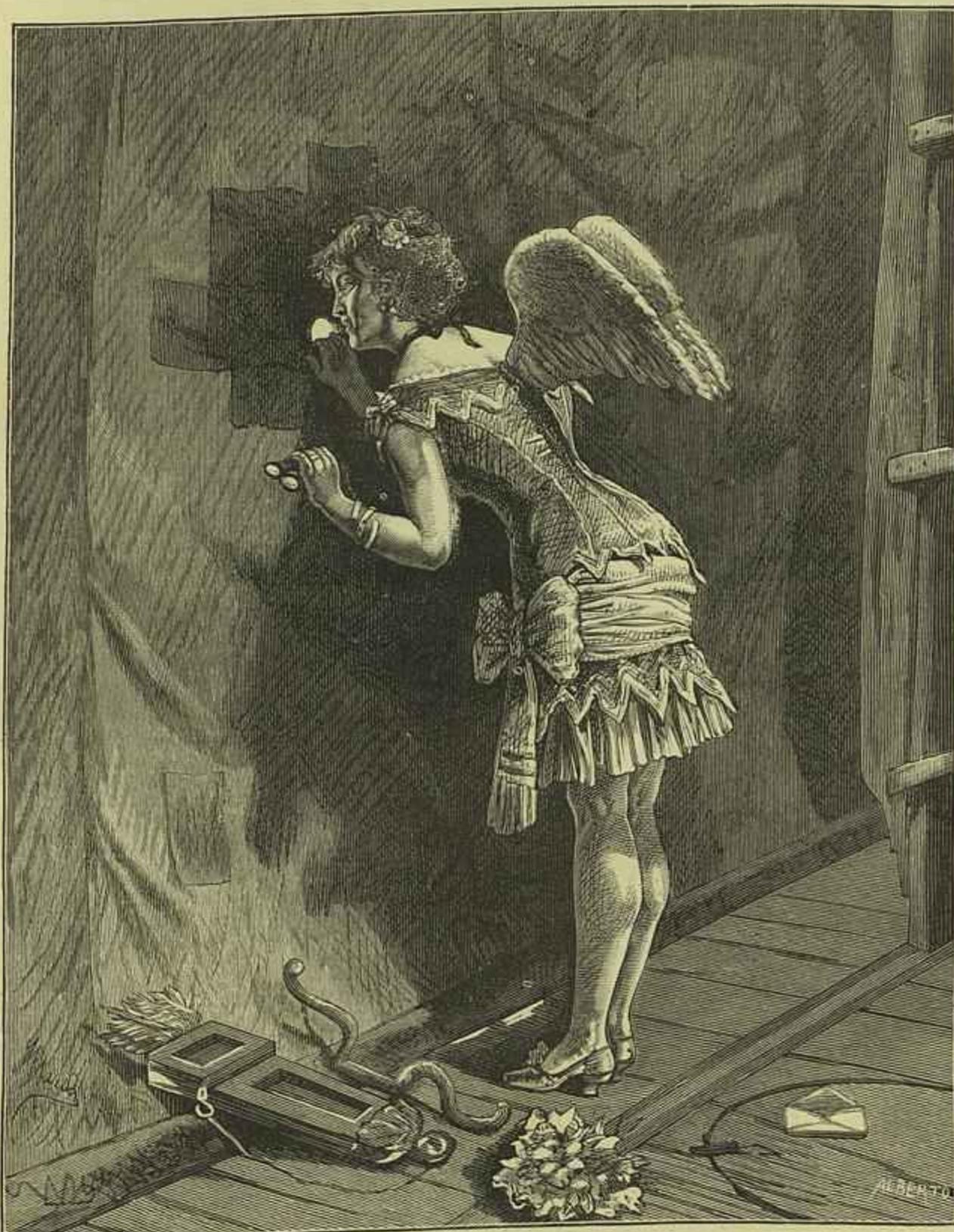
Ha grupos intermedios que se aproximam por esta ou

aquella qualidade de qualquer das cathogorias principais.

E com quanto nos referimos n'este ligeiro esboço apenas ao Valle das Furnas, é certo que as aguas thermaes de S. Miguel não só demoram n'aquelle Valle, mas tambem nos arredores da Ribeira Grande, da Ladeira da Velha, Mosteiros e Ponta da Ferraria, que apresentando differenças consideraveis, tambem manifestam analogias notaveis umas com as outras.

No opusculo — *Les eaux thermaes de l'ile de San-Miguel* — 1873, *Lallemand freres, Lisbonne* — acham-se colligidas todas as noticias relativas a este assumpto.

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS ARTES EM PORTUGAL. EM 1880



ANTES DO PANNO SUBIR — Quadro de Manuel de Macedo, pertencente ao sr. Henrique de Macedo (Desenho do mesmo auctor)

desde a mais antiga descripção do celebre Valle pelo Dr. Gaspar Fructuoso, nas *Saudeas da Terra* — até aos trabalhos de Gurlay, Moustinho de Albuquerque, Fouqué, e por ultimo pelo sr. Dr. Philomeno da Camara Mello Cabral.

Todo o Valle e seus arredores são cobertos d'uma vegetação forte, basta, ridente cuja variedade rica e luxuriante refocilla a vista, enleva o espirito e faz amar este privilegiado recinto como a um verdadeiro eden.

Já o Padre Cordeiro lhe chamava um paraizo. O bom do jezuita já se vê que não era de todo secco; o peor dizer que o que se segue é um verdadeiro inferno;

se não é exageração, quer nos parecer que o padre classificou assim algum sitio severo, arigantado e soberbo cuja imponente magestade não seria cabal a despertar-lhe o sentimento esmagado pela ferropesa da disciplina.

Possue hoje o Valle um bello estabelecimento thermal, hotéis e deliciosas vivendas, sendo a mais notavel a do nosso patricio e amigo Dr. Ernesto do Ganto, cujo rico parque é o logar obrigado de distracção graças á sua liberalidade e desprendimento assim como dos demais proprietarios.

Se eu disser que ja fui ás Furnas e que nunca as vi, ninguém acreditará. — Pois assim é, porque dois ou tres

mezes depois de minha mãe ali ter ido, vi a luz pela primeira vez em Ponta Delgada e só desde esse dia se conta a minha vida para o mundo.

Fallava-me ella d'essa visita como de um dos mais deliciosos pedacos da sua amargurada existencia; e das reminiscencias do que me contava e do pouco que tenho lido, serzi estes breves apontamentos, que são como um echo de saudade da patria e anecio de a tornar a ver, que é o mais ardente desejo da minha alma.

VIAGENS

DOS SRS.

HERMENEGILDO CAPELLO E ROBERTO IVENS

na Africa Equatorial

OS EXPLORADORES E A EXPLORAÇÃO

VII

Os costumes dos Bangalas, que os viajantes portuguezes puderam estudar, são interessantíssimos. A maior parte d'elles são communs a estes e a muitos outros povos da Africa austral.

A suspeita e accusação de *feiticeira* é uma das mais terríveis que se pôde ter em Africa contra alguém. Os negros acreditam que uma pessoa pôde exercer influencia sobrenatural e malfica sobre a prosperidade e os destinos de uma povoação ou de um qualquer individuo.

O modo como os suspeitos de tal estado conseguem defender-se é uma especie do antigo *juízo de Deus* das Nações europeas.

Chama-se o *juramento* e consiste na observação do effeito produzido sobre o accusado por uma heberagem preparada com a casca, ao que parece, de uma certa especie de Acacia.

Em Cassange, poucos dias antes de proseguirem a sua exploração, Capello e Ivens presenciaram a seguinte scena:

Uma grande e ruidosa multidão se dirigia para uma encrusilhada. Quatro caminhos partiam d'esse ponto em direcções oppostas.

O suspeito ou, como elles dizem, o *reputado* de *feiticeira*, era, d'esta vez, uma mulher. A accusação partia da sua propria familia.

A gente que a acompanhava, — de tropel, confusamente, — gritava, agitando os braços com violencia e tocando os mais atordoadores instrumentos. Uns repetiam a accusação irados, outros, como representando o papel de advogados, defendiam a accusada com grande vozeria. Estavam quasi todos adornados, com particular cuidado, para a solemnidade, — os corpos untados de oleo e do pó avermelhado da madeira de *tacula*, e as cabeças cobertas de pennas variegadas.

Chegados á cruz dos quatro caminhos, o *Cassange-Cambambu* fez sentar a *reputada* n'um pequeno banco de páo, que lá havia sido, de proposito, collocado.

A mulher accusada sentou-se sem que fosse necessario empregar para isso a violencia, com um ar tranquillo e convieto, — convieto, já vamos vêr de que.

Defronte d'ella estenderam um panno de riscado e, sobre elle, puzeram dez páos pequenos e eguaes, alguns bicos de papagaios e uma concha d'um kágado.

Foi, quando tudo assim ficou disposto, que o *Cambambu* começou a fazer engulir á *reputada* a massa avermelhada da acacia, que estava dentro de uma cabaça.

Então, como ao engulir apressadamente a ultima porção, a mulher se sentisse suffocada, o *Cambambu* começou a administrar-lhe pequenos golles de agua.

E logo, em quanto esperava o effeito da droga, a multidão dos espectadores torceu em danças rapidas em volta da padecente, tocando sempre os instrumentos e atacando e defendendo todos, em grita geral, o *reputado*.

(Continua)

ALBERTO DE CERVAES.

TRANVAAL E MOSSAMEDES

Immigração dos Boers para as colonias portuguezas — Sublevação do Transvaal contra os Ingleses — Os Hollandezes no sul d'África — Perseguições feitas pelos Ingleses — O Estado do Orange e a Republica do Transvaal — Pretorius — Annexação Inglesa — Os Boers junto ao Cunene — Os Boers em Mossamedes.

Coincide a emigração de algumas familias habitantes do Transvaal no sul da Africa, — procurando estabelecer-se na colonia portugueza de Mossamedes — com a sublevação dos habitantes da Republica que os ingleses sup-

primiram. O primeiro facto seria, em quaesquer circumstancias, interessantissimo. O segundo vem, porém, tornar o seu conhecimento de mais geral importancia.

Todos sabem que os Hollandezes, estabelecidos no século XVII pelo sul da Africa, começaram ali a sua, até agora constante lucta contra os ingleses, desde os começos do século XIX.

Em 1833 um grande grupo de antigos colonos resolveu emigrar, ou para procurar um porto de mar mais ao norte, na costa de leste, ou para escolher terras que podessem pacificamente cultivar no interior.

Pretorius era o nome do chefe que os dirigia e Pietermaritzburgo o que pozeram a um dos primeiros estabelecimentos que fundaram.

A coragem e a perseverança que esta emigração representa dão, só por si, a medida do que podem os Hollandezes pacientes e heroicos que ainda hoje luctam contra os mesmos obstaculos, em meio d'aquelle extraordinario continente, para tentarem formar um povo que trabalhe independente.

Os Ingleses perseguiram-os sempre. Onde quer que aquelles, na sua opposição contra os povos selvagens, conseguiram crear um estabelecimento, ali iam os direitos proclamados da Inglaterra impôr-lhes o senhorio.

Com o andar dos tempos os emigrados Hollandezes dividiram-se em dois grupos que as condições dos terrenos determinaram. Uns ficaram no valle do Rio Orange os outros condensaram-se ao norte do rio Vaal, formando ali, apezar de todos os obstaculos, a Republica do Transvaal.

É que, a esse tempo, aos Ingleses, em guerra com os povos Caffres conveio conciliar todas as vontades europeas d'aquella parte d'África.

Aos antigos Hollandezes e aos seus descendentes das duas nações vizinhas do sul da Africa, dá-se geralmente o nome de *Boers* que, em hollandez, significa porém, apenas, *cultivador* ou *grangeiro*.

Toda a região em que esses povos se acham estabelecidos tem o clima excellente que, a muitos respeito, pôde comparar-se ao sul da Europa. A fertilidade das terras é immensa; a variedade das aptidões culturaes e a das plantas que ali podem dar-se é rara. As minas de metaes preciosos ou de grande valor apparecem por toda a parte: os diamantes, o ouro e a prata tinham obrigado os colonos a dilatarem para o norte e para leste a sua occupação effectiva, para um lado na direcção de Manica, a antiga feira portugueza, e do valle do Zambeze por outro lado, approximando-se dos arredores dos nossos estabelecimentos de Lourenço Marques.

Muitos exploradores estrangeiros, europeus e americanos, tem ido tentar fortuna a essas terras.

Na exposição de Philadelphia o ouro das minas do Transvaal excitava uma grande curiosidade.

O explorador, o sr. Cameron, hoje socio correspondente da sociedade de Geographia de Lisboa, comprou ali consideraveis materiaes de exploração e transporte que fez embarcar para o sul d'África. Dizia elle, a quem escreve estas linhas, que a Inglaterra seria, para os progressos do Transvaal o obstaculo temível, dada a opposição violenta e irremediavel que entre os Boers havia contra tudo quanto fosse inglez. O mesmo explorador asseverava tambem que os mineraes de ouro deviam ser facilmente encontrados nas terras que ficam entre o Transvaal e a colonia portugueza de Lourenço Marques.

Passava-se isto porém ainda em tempos em que a Republica do Transvaal existia independente.

Então a grande esperanza dos agricultores e, principalmente, dos industriaes estabelecidos n'es-es remotos territorios, era o caminho de ferro projectado atravez dos Drakemberg até á Bahia de Lourenço Marques. Por aqui contavam todos exportar os productos abundantissimos da região, muitos dos quaes, tendo que sair para o Cabo e para Porto Izabel, eram

solrecarregados por um preço de transporte anniquillador.

Para os Boers a bahia de Lourenço Marques tinha, além do merecimento da sua distancia, relativamente pequena, um outro immenso.

E' que pertence aos portuguezes.

Mas em 1876 a Inglaterra apoderou-se da Republica do Transvaal e determinou que ella passasse á condição de colonia sua.

Pegando na vasta esponja do seu direito internacional a *grande nação colonisadora* apagou, do mappa de Africa, uma nação independente. Esse direito internacional é o mesmo, digamo-lo de passagem, que pôde amanhã estender as suas applicações até Lourenço Marques, Quelimaní, Tete e Moçambique, d'um lado, e até Mossamedes, Benguela e Loanda, do outro. É ainda o mesmo direito internacional com que amanhã a Hespanha pôde mandar 100,000 homens tomar conta de Portugal.

A annexação inglesa actual porém, continuando as luctas historicas, e irritando os odios fundados em tantos motivos, fez com que muitas familias de Boers, — como já haviam subido, de lucta em lucta, de perseguição em perseguição desde a costa até aos *plattaux* do norte do Vaal, — procurem ainda, n'um exodo que já parece eterno, um qualquer campo, mais livre ou mais sympathico, de trabalho.

Assim muitos atravessaram toda a Africa, formando uma enorme caravana errante, que as sociedades de Geographia nem subsidiaram, nem provavelmente admirarão agora, e vieram, com os seus grandes vagões, os seus cavallos, as suas familias e as suas armas, bater ás vagas fronteiras das colonias portuguezas da costa de oeste.

Um dia, da libata do soba Chaungo, perto do antigo forte portuguez no Humbe, junto ao rio Cunene, avistaram-se 7 homens brancos vestidos, montados em cavallos e trazendo na frente um preto que montava um boi.

Ao cahir do dia, esses homens extranhos, que vinham não se sabia bem d'onde, enviaram ao soba uma carta, para que este a fizesse chegar a mão de portuguezes. A noite sobreveiu occultando-os.

Chaungo, desconfiado, inutilizou a carta que recebera, e passou toda a noite a reunir a sua gente.

Ao romper do dia os brancos, acampados na margem do Cunene eram atacados por surpresa. Vinham porém bem armados com espingardas repetidoras carregadas com 8 a 14 ballas de cada vez e puderam, assim, proteger a sua retirada, sem que o gentio lhes matasse alguém além do preto que servira de guia.

Passaram assim a nado o Cunene com os seus cavallos e deixaram, nas mãos do Chaungo, roupas, sellas dos cavallos e o boi que na vespera conduzia o preto.

Esses brancos eram Boers emigrados das terras do Transvaal.

Os 7 porém surprehendidos por o Chaungo formavam apenas uma guarda avancada. Tres dias depois do primeiro combate 25 homens, bem montados e bem armados, vieram cercar a libata de Chaungo.

Em tres ataques os negros tinham debandado deixando 28 mortos, numerosos feridos e 43 cubatas a arder.

Então Chaungo foi pedir protecção aos portuguezes.

Antonio José d'Almeida, o mesmo que depois levou a Mossamedes a noticia do acontecimento, Antonio Rodrigues d'Almeida chamado o Celorico, João Evangelista de Carvalho, Antonio Rodrigues Hespanhol e Piedade, feirantes no Humbe, foram com effeito, á tarde, procurar os Boers.

Os emigrados descancavam mas estavam precavidos. Ao verem aquelles homens, armados como elles, e que para elles avancavam, chamaram com gritos os cavallos que accorreram intelligentemente, e pegaram nas suas clavinas, intimando os portuguezes a que se apresentassem desarmados se queriam tratar com elles.

Vieram com effeito pacificamente á falla. Soube-se então que os Boers precisavam de fazendas para fatos, para calçado, e queriam

saber a distancia á costa de oeste para onde se encaminhavam.

Os portuguezes informaram-n'os então que, em carros, gastariam um mez até Mossamedes, mas que, a pé, poderiam lá chegar em 15 dias; e forneceram-n'os de agua ardente, assucar, cognac, genebra, arroz e tabaco.

Restava porém ainda punir o Chaungo pela sua traição e resistencia. Os Boers exigiram-lhe 140 bois.

Muito tempo se conservaram os dois campos inimigos um quasi em frente do outro. O Cunene dividia-os: na margem direita Chaungo e a sua gente, na margem esquerda os Boers.

Então, uma vez, Bomver, o chefe dos cultivadores hollandezes, enviou aos negros esta mensagem symbolica e, por isso, característica:

Algumas espingardas, 14 pedras, e uma moeda de prata; o que significava claramente, para elles, que ou Chaungo pagava 140 bois ou a moeda equivalente, ou a guerra continuaria.

Desde 1878 que os Boers tratavam com o governo de Portugal, por intermedio do nosso consul no Cabo da Boa Esperança, o sr. E. A. Carvalho, ácerca do seu estabelecimento na Huila portugueza.

Os emigrados pretendiam apenas, sujeitando-se ás leis portuguezas:

- 1.º Que a cada familia fossem concedidos gratuitamente terrenos sufficientes, determinados e medidos pelo governo portuguez;
- 2.º Que os titulos d'essas propriedades lhes fossem dados gratuitamente;
- 3.º Que ficassem os novos colonos isentos de impostos por um numero d'annos determinado;
- 4.º Que apezar de sujeitos ás leis portuguezas podessem ser, directa e immediatamente, governados pelas suas proprias auctoridades;
- 5.º Que lhes fosse garantido o direito de seguirem os preceitos da sua religião que é a protestante.

Com estas intenções se encaminhavam pois os Boers para Mossamedes quando a hostilidade do gentio e o selvatico natural do paiz os fez parar junto ao rio Cunene. Entre este e Mossamedes uma densa floresta se antepunha á passagem da caravana, e, n'essa, só a abertura difficil de uma estrada poderia fazer uma passagem directa.

Em Fevereiro do anno passado o governo de Mossamedes convidou os Boers a irem, com effeito, estabelecer-se na Huila, a 6 dias de viagem de Mossamedes.

Poucos mezes depois um grupo de Boers, cujos retratos damos hoje no OCCIDENTE, fielmente copiados d'uma photographia authentica, foi a Mossamedes, conferenciar com o governador, ácerca do projectado estabelecimento.

Consta que seguiram de novo ao encontro dos seus companheiros prometendo voltar com elles.

Entretanto os Boers que ficaram no Transvaal, seguindo a sua tradição historica, de novo se levantaram contra os Ingleses que, até agora em forças pouco numerosas, teem sido terrivelmente derrotados.

Prosegue a lucta.

A dignidade real e imperial da já agora imperial Inglaterra, vae obrigar-a a esmagar, sob a força dos seus mercenarios e dos seus milhões cartaginazes, aquelle punhado de homens laboriosos que querem trabalhar independentes nas terras superabundantes do centro d'África.

Vencedores ou vencidos os Ingleses não teem a receber, d'esta lucta, senão um augmento da antipathia evidente que as raças indigenas e as acclimadas da Africa austral unanimamente lhes votam.

Portugal ganhou já porém uma colonia pacifica de homens que pertencem a uma das mais fortes, das mais laboriosas, das raças mais moralizadas e mais civilizadas que o mundo tem conhecido.

O OCCIDENTE envia uma saudação fraternal aos seus novos concidadãos da Huila.

ALBERTO DE CERVAES.

NOS THEATROS

Atravez das vidraças das equipagens que passam, vê-se o nosso mundo elegante embrialhado na graciosidade dos seus vestidos, com as suas physionomias alegres, — olhos cheios de luz e labios cheios de sorrisos — com os seus penteados aristocraticos, d'uma simplicidade infantil; perfumado como as rosas e como as rosas tão bello; reclinado em confortáveis almofadas e abafando os seus pequeninos pés nas mais deliciosas *fouffures*, ao mesmo tempo que o seu leque de setim se agita indolentemente, como uma ironia pungentissima aquelles que, sobre a lama arrastam os seus farrapos ou catam a sua nudez.

Nos caffès ha o ruído do ultimo momento. As phrases cruzam-se n'um *cacaxo* vertiginoso, a critica assusta o seu monoculo petulante, reforçam-se os bigodes luzidias de *brillantine*, compõem-se os peitinhos engomados a capricho; ha muito fumo, muito calor, um barulho infernal de gargalhadas que estalam, dos criados que herraem, de taças que se quebram, e as poncheiras de *rhum* com as suas chamas azuladas e vacillantes darlam ao quadro um tom phantastico e original se os lustros dourados não alitsem os seus leques de luz sobre aquella multidão que se apressa.

Detraz do panno armam-se salões de duquezas, improvisam-se paraísos de lona, architecturas de papelão; ensaiam-se sorrisos, olhares e amores, e os hombros desnudam-se, os beiços avermelham-se, os braceletes scintillam; por toda a parte a illusão; lagrimas, paixões, desesperos, que se estudam e se desfazem sob as atmospheras quentes dos camarins. Os galanteadores dos palcos passeiam cá fóra a sua sensualidade, ou curvam-se em repuleros gulosos quando apertam a mão d'alguma celebridade decotada, que entrega aos cuidados de uma criada velha a longa cauda do seu vestido e á ferocidade do seu admirador a graça do seu sorriso.

E toda esta balburdia das carruagens que rodam, dos caffès que se despejam e dos camarins que aspiram é como que uma dança de abertura, que todas as noites se executa antes das oito horas, em que as orquestras desenrolam as suas velhas symphonias e o panno sóbe para restabelecer o silencio.

Estamos em plena epocha theatral. S. Carlos ostenta vaidosamente todo o nosso mundo lyrico, que se reclina, gentilmente, nos peitoris da primeira ordem e bate o compasso d'uma aria com a mais bem posta *coquetterie*. Paíram uns escandalosinhos em toda a sala, brigam as invejas despertadas pelos vestidos caros que passam ou pelos diademas caprichosos que se descobrem; quebram-se leques e desfolham-se camelias na frieza amarga d'um ciúme; ha corações que desalbrocham e outros que morrem, uns que se esforçam para o primeiro vôo, outros que se abatem na ultima tentativa; *parvenus* que se impertigam na obesidade do seu espirito e do seu ventre, aristocratas que se pavoneiam com as tradições dos seus avós e o *bolór* dos seus pergamínios; folhetinistas que se deliciam com as *florituris* delicadas da prima-donna, ou com as pernas magras da dançarina.

Até hoje em S. Carlos, nem um successo, d'estes que estragam lavas e palindões, em palmas e bravos. Optimos elementos espalhados com uma prodigalidade, que despera, que faz mal á empreza e ao publico. Borghimano continua a ser a rainha da *troupe*, uma bella voz e um bello talento; Fancelli, o tenor das notas prodigiosas, prejudicado pela sensaboria de todo o seu canto, do seu gesto, da sua *pose*; Vitali, um astro que ainda fulgura *in an symptoma* quando se emprega a proposito um tal adverbio; Pandolfini, David e Corsi, tres notabilidades decadentes, que, entretanto, sabem pelo seu muito talento, ganhar enthusiasmos e ovações.

A ultima opera, em scena, foi o *Roberto do Diabo*, talvez a opera mais completa e a mais bella de Meyerbeer. Um despenho que satisfaz, apesar do Roberto ser pouco diabo e o diabo do Roberto ser de difficil execução, *Misc-en-scène*, desnudado. Mas sobre este assumpto, que em S. Carlos e n'outros theatros vemos, amindadamente, tão maltratado, hivyamos de consagrar-lhe um artigo especial.

O theatro de D. Maria prepara-se, n'este momento, para nos apresentar uma peça de Augier e Sandeau, *Jodo Thammecny*, que será posta em scena com todo o esrapulo de scenario e de despenho. O publico está dedicando a este theatro uma sympathia especial, certo de que já não encontra lá uns ratos gordos e felizes que, d'antes, o iam complimentar nos camarotes com uma petulancia de *crévés*.

Houve, ultimamente, umas pateadas que as chronicas registraram com phrases sentimentaes; pateadas que empregarios, auctores e actores amaldiçoaram do recanto dos seus gabinetes de trabalho e dos seus camarins atapetados. Só o theatro de D. Maria escapou ás furias da tempestade. Um horror!

E aqui está como nós encontramos os nossos theatros ao começarmos esta revista, que, mensalmente seguiremos com uma bella imparcialidade e uma bella penna d'aço.

CARLOS DE NOIRA CABRAL.

NOTAS SOLTAS

FR. FRANCISCO DE JESUS CHRISTO

IV

Chegados a Lisboa os dois companheiros foram apresentar-se ao convento da Graça, onde os receberam mui bem.

Não ficaram porem no convento, e Fr. Francisco de Jesus Christo dirigiu-se á pequena casa de sua mãe, ao postigo de Santa Anna.

Maria de Abreu, havia trez annos que não via o filho, e portanto a sua alegria foi grande. Já então seus filhos tinham tomado occupação, e com a mãe viviam as filhas, que a ajudavam a manter a vida, senão com fartura e delicadeza, ao menos com o indispensavel á sua sustentação.

Do trabalho de suas mãos vivia, pois, e do de suas filhas, aquella, que outr'ora tanto affecto e mimo recebera do muito sabedor *physico* e *sologião* mestre Nicolau de Leão.

Tantas fadigas havia Maria de Abreu passado para manter seus seis filhos, que, actualmente, quando apenas chegava aos cincoenta annos, as rugas da fronte e o argentado dos cabellos, mal deixavam perceber quão bella havia sido. E Francisco não era o que menos havia concorrido para o seu envelhecimento precoce.

Conhecia bem ella isso, mas Francisco era o seu primogenito, era o primeiro rebento da sua mais doirada juventude, e por isso, quando elle aparecia, não lhe lembravam trabalhos, soffrimentos, nem cuidados, via-o vivo, isso a alegrava. Ouvia-o contar as suas viagens e correrias, apimentadas com as mil patranhas que elle lhes mesclava; e a tudo rematava:

— Em fim, filho, quando has-de socegar, quando has-de acabar essa peregrinação?

— Eu sei, respondia elle, se agora poder fundar o convento, para que trago licença, é provavel que não torne a sahir de Portugal.

— Deus te ouça, para ver se amparas teus irmãos. Olha, elle que te tem conservado até agora, e que te tem salvado de tantos perigos e trabalhos, para algum bom fim ha-de ser.

Depois ella e as filhas faziam interminaveis perguntas sobre a sua familia de Jaen e de Milão. Francisco respondia o que lhe parecia misturando peta e verdade. Assim mesmo ainda confessou a sua mãe que na Italia passara em algumas partes por filho do infante D. Luiz, e que trazia muitas reliquias, d'esta vez completamente authenticadas e pouco mais.

Algumas vezes ia a casa da mãe em companhia de Fr. Basílio, e até ficavam lá, mas como na Italia tinha passado por gentil homem, e personagem de alta nobresa, disse a Fr. Basílio que chamava mãe aquella mulher, porque fora sua ama de criação, e lhe queria como se fora sua propria mãe, que já não tinha.

Haviam porem decorrido mais de dois mezes que os dois religiosos se achavam em Lisboa, quando depois de varias noticias, relações, perguntas e averiguações foram chamados ao convento da Graça, cabeça da ordem de Santo Agostinho em Lisboa, onde os achamos e d'onde sahio Fr. Francisco no principio d'esta narrativa.

Depois de estarem ali reclusos procederam os commissarios nomeados no nosso primeiro capitulo, a varias averiguações, d'onde resultou o conhecimento dos factos que temos descripto, faltando-nos apenas dizer o mais que passou Fr. Francisco de Jesus Christo desde que partiu a primeira vez para Roma, até á sua ultima chegada a Portugal.

Como dissemos, tendo Francisco de Leão ou de Abreu, vindo de Cabo Verde sahio pouco

ENIGMA



MCTANC

Explicação do enigma do numero antecedente: De Lisboa saiu a primeira frota para o Occidente.

depois de Portugal. Foi primeiro a Elvas sua patria. D'alli dirigiu-se em romaria a Nossa Senhora de Guadalupe, ponto quasi obrigado dos romeiros hespanhoes. Seguiu depois para Jaen, onde foi procurar os parentes de sua mãe. Visitados e conversados os que encontrou, e informados do destino da sua parenta voltou a Guadalupe. D'aqui partiu para Alicante com destino a passar á Italia.

No porto de Alicante achava-se então muito a proposito uma não centuriona de Genova; conseguiu embarcar-se n'ella e n'esta cidade, ainda então florente, foi desembarcar.

Demorado ali o tempo indispensavel, partiu para Roma, que era um dos grandes sonhos da sua juventude. Não sabemos o tempo que levou n'este trajecto, mas não devia ser desagradavel, nem aspero para quem já atravessara as serras de Hespanha, as ardentias do Alemtejo, e soffrera as febres de Cabo Verde.

Chegou finalmente a Roma, e devemos formar uma idéa do deslumbramento que causaria no seu espirito as grandezas estranhas d'aquella magestosa cidade, tão unica no seu genero, e tão diversa das terras que até ali tinha visto. Não tentaremos descrevel-o.

Um mez se deteve na cidade eterna, visitando todas as estações e monumentos d'ella, d'onde partiu para Napoles.

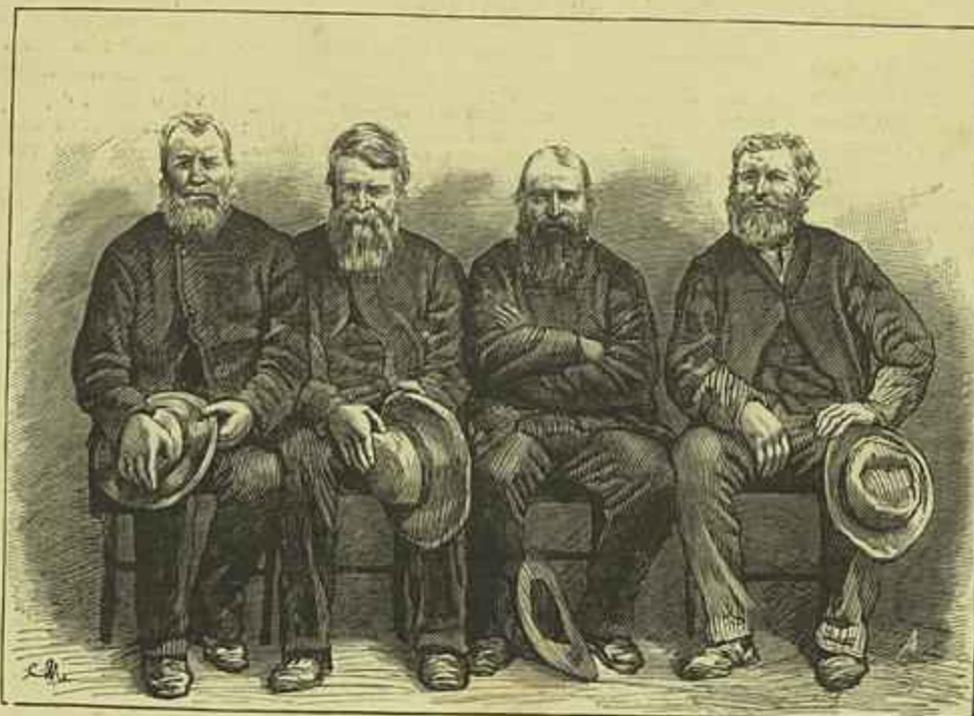
Chegado á bella e esplendida cidade, espaiçando a vista por seu largo e espelhado golfo, que tanto á memoria lhe trazia a vasta bahia da sua Lisboa, tratou de procurar os parentes de seu pae.

Effectivamente encontrou varias pessoas que se deram por suas parentas, mas comquanto elle o não diga, parece-nos que a fortuna tanto dos parentes de seu pae como dos de sua mãe não era tal que lhe podesse administrar os meios necessarios. Supomos, e com certa plausibilidade, que o fim que Francisco de Leão ou de Abreu, tinha em vista ao demandar, quer na Hespanha, quer na Italia de preferencia a terra de seus progenitores, e a familia d'elles, devia ser o obter alguns meios; mas não tendo encontrado entre ellas a abastança que imaginava, se resolveu então a seguir o curso da sua variada peregrinação.

Contudo ainda se demorou em Napoles tres mezes. D'alli dirigiu-se á cidade de Vari, afim de visitar o corpo de S. Nicolau, que ali se venera. No caminho subiu ás montanhas, junto á villa de Alino, afim de visitar um ermitão que estava na ermida de Monte Virgem. Demorando-se com elle oito dias, adergou de vir ali ter um soldado toledano chamado Pedro d'Aguilar.

O soldado andava desgostoso, e o ermitão o resolveu a abraçar a vida eremitica. Lançou-lhe o respectivo habito, passou-lhes uma licença para poderem assim andar, e despedidos d'elle seguiram o seu destino. Parece que o ermitão gosava de bastante nomeada, pois isso dá a entender a licença que lhes passou, e o favoravel acolhimento que sempre tiveram.

Seguindo o seu primeiro proposito foram visitar o corpo de S. Nicolau.



OS BOERES QUE VIERAM TRATAR COM O GOVERNO PORTUGUEZ DE MOSSAMEDES O ESTABELECEREM UMA COLONIA NA REGIÃO DA HUILA (Segundo uma photographia)

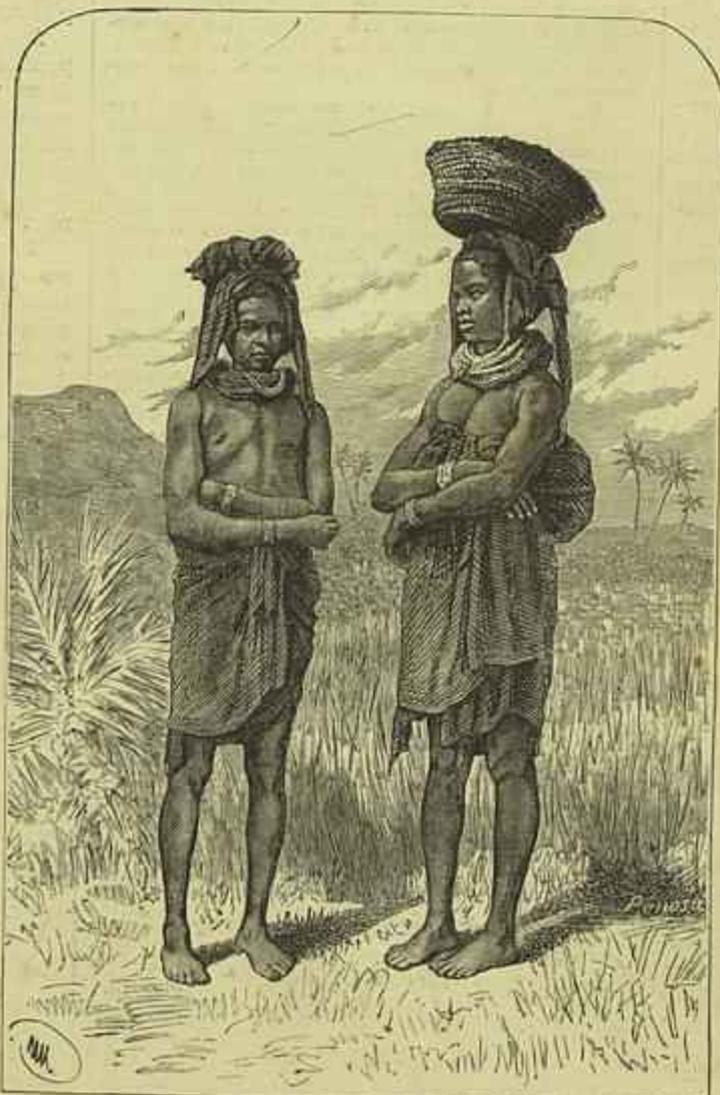
Na respectiva igreja se confessaram e commungaram, demorando-se nove dias na cidade.

Posto o peito á sua mais importante empreza resolveu-se Francisco e seu companheiro a partirem para Jerusalem. Para esse fim embarcaram-se em Napoles, com direcção a Veneza, que era então o porto de mais commercio e relações com o Oriente.

(Continua)

JACINTHO PERES.

VIAGEM DE EXPLORAÇÃO NA AFRICA EQUATORIAL



MULHERES MUNDOMBES

(Segundo photographia dos exploradores Capello e Ivens)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Fac-simile de la premiere Gazette publiee en Portugal, offert au Congrès litteraire international de Lisbonne. O fac-simile é apenas do rosto da primeira *Gazeta* publicada em novembro de 1641, na officina de Lourenço de Auyers, e das tres primeiras linhas d'ella, acompanhada de uma pequena noticia escripta em francez pelo sr. Eduardo Coelho. A reprodução em phototypia é muito imperfeita. Na noticia muito curiosa e desenvolvida apparecem porém algumas inexactidões: uma, que supomos typographica, e diz-se que a imprensa foi introduzida em Lisboa em 1581 (1481?); outra, que ella foi estabelecida em Leiria entre 1465 e 1465 o que é completamente inexacto.

JORNAL DE AGRICULTURA E SCIENCIAS CORRELATIVAS, publicação quinzenal destinada aos lavradores portuguezes, os tres primeiros numeros desempenham completamente o titulo, e deixam ver a importancia e utilidade d'esta revista.

O PANTHEON, revista quinzenal de sciencias e lettras, com artigos interessantes, e entre elles um relativo ao Valle de Anles, pelo nosso archeologo Martins Sarmiento. Desejamos-lhe um futuro prospero.

QUADROS DE GLORIA, na abertura do novo theatro de D. Maria Pia em Leiria. Alcobaca, typ. de A. Coelho da Silva, 1880, 8.º, 18 pag. — Contém quatro quadros em quatro poesias do sr. dr. A. Xavier Rodrigues Cordão, cujo nome é bem conhecido na republica das lettras.

RIBALTAS E GAMBIARRAS, revista semanal, cujo primeiro numero se publicou no 1.º do corrente anno. Desejamos-lhe prosperidade e longa vida.

ANNAES DO CLUB MILITAR NAVAL, os n.ºs 10 e 11 do anno de 1880 d'esta notavel e util publicação da unica sociedade militar portugueza. No n.º 11 traz a carta magnetica da expedição em Africa pelos srs. Capello e Ivens, o que é de muita importancia para a sciencia.

COIMBRA MEDICA, revista quinzenal de medicina e cirurgia, do que é director o dr. Augusto Rocha e colaboradores a maior parte dos professores da faculdade de medicina da Universidade de Coimbra e outros facultativos distinctos. Publicou-se o 1.º numero no 1.º d'este anno. Seja bem vindo, e desejamos-lhe um futuro proporcionado á competencia de tão notavel collaboração.

REVISTA DA SOCIEDADE DE INSTRUÇÃO DO PORTO, N.º 1 — 1.º de janeiro de 1881 — Porto, Typ. Occidental. — E o primeiro fasciculo d'esta subida publicação em que ha artigos muito importantes, se bem nos pareçam alguns, um tanto fora do programma da Revista. Em boa hora venha ella e que não desanimem os seus promotores.

DEAS PALAVRAS SOBRE A REORGANIZAÇÃO DO EXERCITO, pelo sr. Rogado Leitão. Aquelles que tem a seu cargo os destinos da nação deverão tomar opportunamente conta de todas as opiniões, e dar o verdadeiro peso a todos os alvitres que se offerecem n'este importante assumpto.

O POSITIVISMO, revista de philosophia dirigida por Theophilo Braga e Julio de Mattos. Porto, livraria universal de Magalhães & Moniz, editores. Publicou-se o n.º 1 do 3.º anno, outubro e novembro de 1880, com interessantes artigos.

MANUAL DA INFANCIA, conselhos ás mães, pelo medico A. A. de Mello, etc. Porto, imprensa internacional, rua da Victoria, 166, 1881, 8.º de 71 pag. com retrato. — Este bijou typographico, merece ser adquirido, estudado, decorado e seguido pelas mães que quizerem desempenhar a sua missão. Em estylo singelo, linguagem clara e facil estão expressas muitas noções indispensaveis ás verdadeiras mães de familia. Bem haja o auctor e que a sua valiosa propoganda ache echo nos corações femininos.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
8, RUA DO THEZOURO VELHO, 8